

**Saudação do diretor da Escola da Magistratura da AJURIS,
Jayme Weingartner Neto**

A Escola da Magistratura sente-se muito honrada em acolher a todos e para debate tão importante e oportuno.

Quis a fortuna, como descrita por Maquiavel, que o primeiro evento de uma série prevista para o próximo ano, até celebrarmos os 40 anos da Escola (numa terça-feira, 27 de outubro de 2020), quis a fortuna, dizia, que se reunissem pessoas tão capacitadas e experimentadas, dispostas a partilharem – atrevo-me a adivinhar – suas preocupações com os ventos que sopram mundo afora (pelo Globo terrestre, permitam a precisão científica, que deixou de ser trivial nesta quadra).

Especialistas (de novo, vejam o terreno minado, até o substantivo pode sofrer antagonismo), muito obrigado! Queremos ouvi-los sobre os ventos solares da liberdade e sombrios da censura, e refletir sobre o *chiaroscuro* das fronteiras, naquele *sfumato* que a arte nos ensinou.

Precisamos falar, outra vez, sobre o Estado de direito que garante as liberdades culturais. Depois da Galáxia Gutenberg, ainda a liberdade de imprensa como pilar da democracia. E a magistratura, independente e imparcial, como *ultima ratio* da cidadania.

Nossa Visão 2022, como Escola, é “constituir-se num centro de excelência e inquietação jurídico-humanista, oferecendo cursos de pós-graduação, educação continuada e preparação profissional,

pesquisando e debatendo com a sociedade temas culturais relevantes.”

Hoje é mais um passo neste rumo e seria deselegante e pouco inteligente sequestrar o tempo dos nossos painelistas.

Busco, então, para encerrar, na mediação da literatura, duas imagens como contributo ao debate, dois sentimentos: o **êxtase da santimônia** e a **grande irritação**.

O primeiro, a mais antiga paixão nacional norte-americana, historicamente talvez o seu prazer mais traiçoeiro e subversivo, nas palavras de Philip Roth (o livro é de 2000, *A marca humana*). Ele falava do verão de 1998, “marcado, nos Estados Unidos, por uma imensa febre de religiosidade, de puritanismo, quando o terrorismo – que se seguiu ao comunismo como a principal ameaça à segurança do país – foi sucedido pela felação”. Era o impeachment do Presidente Clinton, no *affair* com a estagiária. “No congresso, na imprensa, na televisão, os moralistas espalhafatosos de plantão, loucos para acusar, deplorar e punir, eram onipresentes, cada um querendo ser mais indignado que o outro: todos eles num frenesi calculado”, possuídos por aquilo que já foi identificado como o “espírito da perseguição”, “todos ansiosos para executar os rituais austeros da purificação que expurgariam a ereção do poder”, para que tudo ficasse tão puro e inofensivo que a filha de dez anos de um senador americano pudesse voltar a assistir televisão com seu papai constrangido”. Um colunista escreveu: “Quando Abelardo agiu assim, foi possível impedir que o ato se repetisse” (creio que a história de Abelardo e

Heloisa dispensa maiores detalhes, inclusive quanto às consequências físicas sofridas pelo cônego).

Não direi mais uma palavra sobre **Artes** e a **tentação da censura moralista**.

Quanto à “grande irritação”, é o sentimento que consumia o Sanatório Berghof, como testemunhado por Hans Castorp, na beleza de Davos às vésperas da carnificina da Primeira Guerra Mundial, “uma infecção à qual ninguém conseguia subtrair-se”. O retrato monumental derrama-se em 900 páginas escritas entre 1912 e 1924 por Thomas Mann. “A montanha mágica”. Mas, “O que estava acontecendo, afinal? Que havia no ar? Sanha de discórdia. Uma irritação aguda. Uma impaciência indizível. Um pendor geral para discussões venenosas, para acessos de raiva e mesmo para lutas corporais. Querelas ferozes, gritarias desenfreadas de parte a parte surgiam todos os dias entre indivíduos ou grupos inteiros, e o característico era que aqueles que não tomavam parte nos conflitos, em vez de se sentirem desgostosos diante da conduta dos respectivos adversários, ou de servirem de pacificadores, faziam sim era simpatizar com a explosão de sentimentos e abandonar-se intimamente à mesma vertigem”.

Sobre **polarização** e **beligerância**, e aqueles ares, apenas uma glosa do jornalista Mario Sergio Conti, da Folha de São Paulo, minha homenagem à **Comunicação**: “A moléstia geral se manifesta nos indivíduos por meio da tuberculose. A doença é metáfora da decadência. Cuspindo sangue, figuras da elite valsam à beira do

precipício e da guerra: o militarista, o bronco, o curandeiro, a dondoca, o charlatão, o extremista, o místico, o intolerante. Corte para o presente. O tempo passou e não passou. Personagens do Hospital Alpino há 100 anos pululam na paisagem tropical. Não há refúgio na montanha porque estão todos – exploradores e explorados – nos lodaçais da planície e segregados em periferias e condomínios fechados.”.

Artes, Comunicação... e a **Justiça**?

Foi quase ontem, na última terça-feira, que a ministra Cármen Lúcia, do Supremo Tribunal Federal (STF), encerrou a audiência pública sobre liberdades de expressão artística, cultural, de comunicação e direito à informação afirmando seu “respeito aos que produzem cultura no Brasil”. Segundo ela, a data de conclusão da audiência foi escolhida em razão das comemorações do Dia Nacional da Cultura e dos 170 anos de nascimento do jurista Ruy Barbosa, “grande defensor da democracia, da cultura e da liberdade, com todas as consequências que ele mesmo sofreu”. A ministra é relatora da ADPF nº 614, ajuizada contra o recente Decreto presidencial que alterou a estrutura do Conselho Superior do Cinema, e a Portaria do Ministério da Cidadania, que suspendeu por 180 dias o edital de seleção para produção audiovisual. Segundo a ministra, o STF tem a responsabilidade de atuar “para que todo brasileiro de qualquer lugar desse país tenha acesso à cultura produzida e possa ser um ser humano feliz”.

E agora?

Agora é ouvir nossos especialistas. E debater.

Muito obrigado.